



DEFESA AÉREA FALHA, e Netanyahu admite "noite difícil"

Mísseis balísticos do Irã não são interceptados, atingem duas cidades no sul de Israel e deixam ao menos 90 feridos, sete deles em estado grave. Ministro da Educação de Israel ordena fechamento de escolas em todo o país

ILIA YEFIMOVICH / AFP

Duas cidades no sul de Israel foram atingidas ontem por mísseis do Irã, em um dia que viu intensificação da troca de ataques na guerra com o Irã. Um dos locais bombardeados, Dimona, fica a cerca de 14km do Shimon Peres Negev Nuclear Research Center, a principal instalação nuclear israelense. O país até hoje nunca admitiu oficialmente ter bombas nucleares, mas é tida como uma das potências atômicas mundiais. Outro foguete caiu em Arad, distante pouco mais de 40km do primeiro alvo. Até o meio da madrugada de domingo (ainda noite de sábado no horário de Brasília), os serviços de emergência de Israel confirmavam ao menos 90 feridos — sete deles em estado grave — nos dois ataques. Não há evidências de que a área nuclear tenha sido danificada no bombardeio, afirmaram oficiais da Organização das Nações Unidas.

“Foi uma noite muito difícil na batalha pelo nosso futuro”, admitiu o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, em pronunciamento com raro tom de preocupação. E continuou: “Continuaremos a atacar nossos inimigos em todas as frentes com determinação”.

O porta-voz das Forças de Defesa de Israel, Effie Defrin, negou que o escudo antimísseis tenha falhado e que os mísseis iranianos sejam de um novo tipo, desconhecido e que constituam uma nova e mais grave ameaça. “Os sistemas de defesa aérea funcionaram, mas não interceptaram o míssil. Investigaremos o incidente e aprenderemos com ele. Esse não é um tipo de munição especial ou desconhecido”, declarou Defrin em um post no X.

O ministro da Educação de Israel, Yoav Kisch, determinou ainda na noite de ontem que o sistema de ensino do país migre para o aprendizado remoto nos próximos dias. “À luz dos ataques em Dimona e Arad, decidi que no domingo



Socorristas no local na cidade de Arad, sul de Israel, atingido por um míssil do Irã: bombardeio foi em zona residencial

e na segunda-feira todas as exceções serão canceladas e nenhum aprendizado presencial será aprovado no sistema educacional, incluindo o cancelamento de exceções para a educação especial”, informou, em nota.

Retaliação

Teerã afirma que os ataques foram uma resposta ao bombardeio, horas antes, no começo do dia, da usina de Natanz, ponto conhecido do programa nuclear iraniano. A retaliação também teria sido devido a outro ataque das forças israelenses e norte-americanas a uma instalação nuclear, a Bushehr

Nuclear Power Plant, na terça-feira anterior.

Israel nega ter atacado o local; os EUA não comentaram a alegação iraniana. Assim como na unidade israelense, aparentemente o bombardeio de Natanz não provocou danos e gerou consequências graves, como vazamentos, informou a Agência Internacional de Energia Atômica, vinculada à ONU. A entidade, porém, apelou para que os países em guerra adotem “máxima contenção” em ataques militares na vizinhança de equipamentos nucleares.

A Rússia, aliada do Irã, classificou o bombardeio de Natanz

como ataques “irresponsáveis”, que representam “riscos reais de catástrofe em toda a região do Oriente Médio”.

As potências ocidentais alegam há anos que o Irã tenta produzir uma bomba atômica, apesar de reiteradas negativas do regime dos aiatolás. Esse foi um dos motivos alegados para os ataques lançados em 28 de fevereiro por Israel e Estados Unidos.

No fim da noite de sábado, o Exército israelense afirmou ter atacado, em Teerã, o centro universitário Malek-Ashtar, “utilizando pelo regime terrorista iraniano para desenvolver componentes de armas nucleares”.

Estreito de Ormuz

O Exército dos EUA declarou ter destruído um bunker iraniano equipado com armas que ameaçavam os envios de petróleo e gás através do Estreito de Ormuz. O chefe do comando militar americano (Centcom), o almirante Brad Cooper, afirmou que aviões de guerra “destruíram” uma instalação subterrânea na costa do Irã que armazenava mísseis de cruzeiro antinavio, lançadores de mísseis móveis e outros equipamentos.

Segundo ele, isso reduziu a capacidade do Irã “de ameaçar a liberdade de navegação no Estreito de Ormuz e seus arredores”.



“Os sistemas de defesa aérea funcionaram, mas não interceptaram o míssil. Investigaremos o incidente e aprenderemos com ele. Esse não é um tipo de munição especial ou desconhecido”

Effie Defrin, porta-voz das Forças de Defesa de Israel



Foi uma noite muito difícil na batalha pelo nosso futuro. (...) Continuaremos a atacar nossos inimigos em todas as frentes com determinação”

Benjamin Netanyahu, primeiro-ministro de Israel



No domingo e na segunda nenhum aprendizado presencial será aprovado”

Yoav Kisch, ministro da Educação de Israel

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

A DECEPÇÃO DE HABERMAS

Nascido em 1929 na Alemanha, Jürgen Habermas viu sua adolescência ter início durante a Segunda Guerra Mundial. Embora fosse jovem demais para combater no front, foi alistado como membro da Juventude Hitlerista, que dava algum respaldo ao esforço bélico e que acabou sendo empregada no desespero final da guerra. Como grande parte de seus contemporâneos, em meio àquele conflito, que era também travado por meio de muitas propagandas e desinformação, não tinha plena compreensão dos horrores cometidos pelo regime nazista. Aos 15 anos e vindo de uma família de classe média alta, ele era jovem “führer” de seu grupo, quando sua unidade foi mobilizada para operar baterias antiaéreas contra o avanço das forças aliadas na Frente Ocidental. Por sorte, não morreu.

Com o fim da guerra e o acompanhamento dos julgamentos de Nuremberg, Habermas foi amadurecendo e passou a

desenvolver uma das reflexões intelectuais antifascistas mais sofisticadas do mundo. Sem dúvida, seu início de formação na Alemanha nazista influenciou seu compromisso com a compreensão, a definição e a promoção da democracia e do engajamento cívico.

Do ponto de vista filosófico, Habermas tornou-se associado à defesa da importância do discurso racional, um elemento essencial para evitar o retorno de formas de totalitarismo.

Num aspecto mais técnico, consolidou-se como um dos principais responsáveis por direcionar a uma filosofia que segue buscando a verdade, mas que reconhece que o conhecimento humano deve estar sujeito à revisão, por ser falível e, muitas vezes, provisório.

Sobretudo no que concerne às questões de razão e da racionalidade, Habermas enfatizou a busca de uma fundamentação no esforço pelo entendimento intersubjetivo, ancorado na honesta busca pela compreensão dialógica das práticas humanas.

Em resumo, era contra o monólogo e a favor do diálogo. Talvez essa tenha sido a resposta que encontrou para orientar sua vida após seus anos de juventude sob um regime autoritário e fascista, que negava visceralmente o valor e a razão do “outro” e impunha tudo, goela abaixo da população, por meio de propagandas e desinformação.

Em parte, porque ele era um cara legal, tinha gente que achava ele meio bobão. De toda forma, talvez seja mais fácil entender sua postura percebendo todo o esforço que ele fazia para fazer a coisa certa e defender a coisa certa. Era um sofrido incompreendido. Porque realmente causa espécie o que sobreveio a esse país de pessoas tão bem-educadas e sofisticadas na primeira metade do século 20.

Qualquer tentativa de racionalizar o nazifascismo parece vã, se não abrir espaço para uma imaginação filosófica que enxergue em formas mais profundas de democracia, ancoradas num engajamento cívico sempre

honesto e respeitoso do “outro”, como antídotos mais eficazes à disposição, por vezes cômica, de se deixar ocorrer o retorno de formas de totalitarismo.

De um jeito ou de outro, Habermas foi o último grande intelectual público europeu de base filosófica do século 20 para cá. O fato é que, ao falecer, ele deixa o mundo sem ninguém à altura. E, como o século 21 ainda não desfraldou nenhum grande intelectual público de base filosófica na Europa, fica a dúvida se não teria sido Habermas o último de sua estirpe.

Em suas últimas décadas de vida, Habermas ficou muito associado com a defesa da importância da União Europeia e do fato de ela, mesmo imperfeita, ser preferível a arranjos do passado. Habermas morreu em um momento desafiador para o projeto europeu, no qual a brutalidade irracional de extremistas que rejeitam a União Europeia e não se dispõem a aprimorá-la por meio do diálogo se soma à brutalidade irracional de extremistas que desgostam da vida, sua e dos outros, de forma ativa.

Objetivamente, Habermas nunca foi pacifista. Ele reconhece que é necessário reagir e resistir a um agressor violento. Ao mesmo tempo, porém, manifestou um claro incômodo diante da crescente violação de um freio civilizatório em relação à violência arcaica da guerra. Para ele, é desconcertante que conflitos, inclusive envolvendo potências nucleares, não estejam provocando uma reflexão angustiada na Europa, cuja sorte sempre esteve no centro de suas preocupações.

Pelo contrário, Habermas viu que a guerra tem alimentado uma mentalidade belicista altamente emocionalizada; logo, pouco racional e afeita a diálogos honestos. Habermas se foi desapontado com a constatação de que esses reflexos belicosos mostram que, infelizmente, mesmo uma Europa cada vez mais tão educada e sofisticada ainda não aprendeu a encerrar a guerra como uma etapa superada da civilização.

Habermas não morreu sem compreender a vulgaridade do mundo atual.

PAULO DELGADO é sociólogo